

CENTRO UNIVERSITÁRIO SALESIANO

A CONCEPÇÃO DO NIILISMO EM NIETZSCHE, CRISE E TRANVALORAÇÃO DOS VALORES NO MUNDO CONTEMPORÂNEO.

ALUNO: ANDRÉ GONÇALVES LUPPE

ORIENTADOR: PAULO CÉSAR DELBONI

RESUMEN

Este artigo presente objetiva explicitar como o filósofo alemão Nietzsche demonstra a concepção do niilismo, como ocorre seus desdobramentos no processo histórico, e a crise dos valores decorrente no mundo contemporâneo. Para tanto, segundo o entendimento do filósofo, o artigo presente discorre sobre três momentos: A crise instaurada pelo niilismo na filosofia, no segundo pelo cristianismo e no terceiro momento pela modernidade. Tendo em vista o diagnóstico do filósofo, pretende-se explorar os conceitos de transvaloração dos valores, o super homem e a vontade de poder como ferramentas possíveis para a solucionar os problemas do niilismo contemporâneo, de uma perspectiva filosófica.

Palavras chave: Niilismo. Transvaloração dos valores. O super homem.

ABSTRACT

This article aims to explain how the German philosopher Nietzsche demonstrates the conception of nihilism, how its unfoldings occur in the historical process, and the crisis resulting from it in the contemporary world. To this end, according to the philosopher's understanding, the present article discusses three moments: The crisis instigated by nihilism in philosophy, in the second by Christianity and in the third moment by modernity. Considering the philosopher's diagnosis, it is intended to explore the concepts of transvaluation of values, the superman and the will to power as possible tools to solve the problems of contemporary nihilism, from a philosophical perspective.

Keywords: Nihilism. Transvaluation of values. Will to power, the superman.

RESUME

Este artículo pretende explicar cómo el filósofo alemán Nietzsche demuestra la concepción del nihilismo, cómo se producen sus desdoblamientos en el proceso histórico y la consiguiente crisis de valores en el mundo contemporáneo. Para ello, según la concepción del filósofo, el presente artículo analiza tres momentos: La crisis instigada por el nihilismo en la filosofía, en el segundo por el cristianismo y en el tercer momento por la modernidad. Teniendo en cuenta el diagnóstico del filósofo, se pretende explorar los conceptos de transvaloración de valores, el superhombre y la voluntad de poder como posibles herramientas para resolver los problemas del nihilismo contemporáneo, desde una perspectiva filosófica.

Palabras clave: Nihilismo. Transvaloración de valores. Voluntad de poder, El superhombre.

AGRADECIMENTOS

1 Introdução

.....

Conforme Pecoraro (2007) o niilismo é uma palavra derivada do latim nihil, ou seja, nada, e é uma corrente filosófica que, em advento, idealiza a existência humana como destituído de qualquer sentido. Sendo apresentada os primeiros indícios na Rússia em meados do século XIX, como atitude de alguns intelectuais russos, mormente socialistas e anarquistas à lentidão dos czares em promover as desejadas “reformas democráticas”.

Avaliando a filosofia contemplada por Nietzsche, podemos detectar um amplo campo de pesquisa desenvolvida acerca do conhecimento humano. O niilismo está frequente no complexo das obras de Nietzsche. Para a ascendência da moral, o anticristo e a ruína dos ídolos se têm uma percepção de um processo de advento e consumação do niilismo na história do Ocidente. No entanto, o filósofo não encontra na história do pensamento ocidental apenas conceitos negadores da existência. É de se ressaltar que ele dá vida a ideias que demonstram outra concepção da vida e do homem, portanto do entender sobre o que é niilismo.

Para apoiar o conceito de niilismo, devemos considerar a crítica que o mesmo faz no tocante à filosofia, à moralidade judaico-cristã e à modernidade. Tendo em vista a abordagem que com relação a gênese dos valores, sobretudo a moral, o objetivo deste trabalho visa demonstrar que dentro do processo histórico, todas essas áreas, seja a filosofia, a moral cristã e a modernidade operam sob forma de niilismo. A moralidade cristã é baseada na razão humana. De um ponto de vista metafísico, seja filosofia clássica a partir de Sócrates e Platão, e que o cristianismo dará continuidade de uma perspectiva moral, e a modernidade sob os mesmos modus operandis, esse esqueleto metafísico parece indicar que os sintomas iniciais de degeneração, declínio, decomposição fisiológica e decadência, isto é, segundo Nietzsche, niilismo como fraqueza mental, exaustão e desgosto pela vida. O fim da fé é o resultado dessa deficiência, em que os valores culturais propagados pela civilização ocidental até então vigentes, foram revogados, expondo conflitos internos. É uma resposta a qualquer juízo de valor e avaliação do conceito, porque segundo a crítica dos filósofos, religiosos e cientistas, o valor das coisas começa sempre com situações relacionadas ao realismo e existencialismo da vida. Nietzsche insistiu que os valores atuais não correspondem a nenhuma realidade. O valor passará a ser considerado valor a partir

de quem o toma como tal. Da crítica de Nietzsche à crítica de Heidegger, os valores são essenciais para a compreensão do niilismo (MARTON, 2010).

Para Nietzsche, o niilismo se desencadeia a partir de uma perspectiva socrático-platônica-cristã, por meio do sistema de valores articulados pelo homem que determina a modernidade. Ele entende que todo o valor do Cristianismo sempre algo externo da natureza humana: é uma estética arbitrária baseada na introdução de outras culturas ou nações. O platonismo e o cristianismo são tratados pelo filósofo como uma doença, principal manifestação do niilismo. Todos os valores do Cristianismo estão enraizados de fora, dando tortura e tormento à consciência, elementos de sua degeneração, pois o Cristianismo torna-se uma espécie de declínio de sua estrutura original e passa a cooperar na formação de julgamentos de valores - como um processo natural dos períodos de grande crise da humanidade.

Em conformidade com Vattimo (2010) a representação da força no indivíduo chama a atenção neste aspecto para o movimento que a realiza e a desenvolve no acúmulo de força em energia sobre a vontade de poder. De uma perspectiva moderno-contemporânea, a autoconsciência de que o homem está relacionado com a "morte de Deus" é exaltada. Essa autoconsciência aviva a crise - o valor de "Deus", portanto, é superado para estabelecer uma nova ordem na qual o homem é a medida do valor da vida no mundo. Para Nietzsche o desenvolvimento da consciência niilista se alicerçou na análise da conduta do homem, no platonismo e no cristianismo. A sua revelação como fenômeno é o desdobramento final ao se tornar problema metafísico. Em sua linhagem histórica, o niilismo passa a ser a causa dos fenômenos contemporâneos, sendo consequência direta do conceito de mundo estabelecido como central aos problemas humanos. Há uma tendência de ruptura com a tradição filosófica e cristã, evidenciada pelo século 18. Determinando a idade da rebelião: os seres humanos se revoltam contra a figura de Deus, e uma vez em que é negada a figura de Deus, que, segundo o filósofo Paul Sartre vai dizer: "o homem fica condenado a ser livre e se responsabiliza por seus próprios atos". A crítica de apresentar Deus como base da cultura é o eixo temático e o fio condutor em que Nietzsche formula um juízo sobre a compreensão do niilismo, considerando a relação entre a morte e a decadência de Deus, o que pressupõe uma compreensão lógica e filosófica do niilismo. O conjunto da obra de Nietzsche apresenta outros desdobramentos do niilismo, ao identificá-lo como: negativo, passivo, reativo, positivo e ativo. O primeiro modo de niilismo é identificado como negativo, que consiste na

ideia de que a vida é um erro e que, devemos negar essa vida existente para termos uma vida melhor, mais feliz em um mundo das ideias perfeitas de Platão, ou do paraíso metafísico cristão; niilismo reativo, no sentido de a partir que surge a razão científica na modernidade, o ser humano deve buscar construir sua felicidade no aqui, esquecendo das promessas feitas em um outro mundo, ainda que estejam orientadas pelos mesmos pressupostos da metafísica clássica; o niilismo passivo, no sentido de que o homem assume uma postura passional diante toda ação de outras formas do niilismo e, inclina o pensamento à observação de uma atmosfera pessimista e decadente; o niilismo positivo que consiste no emprego de uma ação que visa substituir valores tradicionais por algo melhor, ou seja, transvaloração de valores; por fim, o niilismo ativo, no sentido de derrocar, destruir, aniquilar os valores tradicionais. Pode-se considerar o primeiro aparecimento do niilismo no conjunto das obras de Nietzsche. Em sua análise da decadência, a sociedade e a literatura representam o niilismo, e esse fio condutor, por sua vez, estabelece o nexos para a análise psicológica da decadência como a força que impulsiona essas tendências a se mostrarem, denotando três atitudes: a moral, a política e a psicológica.

5 A FILOSOFIA DE NIETZSCHE, FILOSOFIA SOCRÁTICO-PLATÔNICA E NIILISMO

5.1 A FILOSOFIA DE NIETZSCHE

Nietzsche procurou em sua filosofia desconstruir todos os sistemas de valores que foram desenvolvidos ao longo do curso da história. Rejeitava os valores judaico-cristãos e todo sistema metafísico dos filósofos. Segundo ele, A noção de Deus como auto causado seria impossível. Disse que Deus está morto. Uma vez que Deus está morto negava toda a noção de valores objetivos fundamentados nele, e sustentava que a noção de Deus era puramente psicológica. A percepção da morte de Deus faz com que ele negue toda noção de valores e absolutos baseados em Deus. Uma vez que Deus está morto, o que que existe é apenas a matéria e que a vida se move em ciclos.

O mundo é real, ao passo que Deus é mito. Uma vez que não há um Deus pelo qual sejamos fiéis, nossa fidelidade deve ser com a terra. Schopenhauer em seu pessimismo influenciou Nietzsche no sentido de a vida é dor e sofrimento. A história da humanidade bem como o se destino não são objetivas e que, não existem algum mundo metafísico a qual o homem possa se apoiar. O que existe é a vida do indivíduo aqui e agora, e a humanidade cria seu próprio destino e o que existe é a eterna recorrência da mesma situação, segundo o conceito do eterno retorno. No lugar dos valores tradicionais o homem deveria superar-se a si mesmo, sugerindo assim a rejeição de virtudes como humildade, amor, e defendendo uma moral aristocrata.

Assim, na ausência de valores e de sentido e de conteúdo, o homem deve criar seus próprios valores, e quem supera são os super homens. As forças essenciais da vida se baseiam na dicotomia de apolíneo e Dionísio. Para Nietzsche, a filosofia, representada por Sócrates em o "homem de uma visão só, Nietzsche apresenta em sua filosofia dois conceitos que se referem aos deuses Apolo e Dionísio.

Nas palavras de Lima Vás, ele vai dizer que:

O apolíneo reflete o lado luminoso da visão grega do homem, a presença ordenadora do logos na vida humana, que a orienta para a claridade do pensar e do agir razoáveis. O dionisíaco traduz o lado obscuro ou terreno ictônico), onde reinam as forças desencadeadas do Eros ou do desejo e da paixão (HENRIQUE C. de Lima Vás, 1998, p.29).

E é a partir dessas duas figuras de forças opostas, mas que no entanto se complementam, que ele traça uma dicotomia, esses deuses gregos que para Nietzsche são capazes de sintetizar diferentes impulsos, onde instaura o predomínio da razão, da racionalidade argumentativa, da lógica, do conhecimento científico e do “espírito apolíneo” – derivado de Apolo, o deus da luz (razão), irmão de Hermes, Hefesto, Ares e Atena, filho de Zeus e Leto, é considerado um dos maiores deuses do Olimpo e foi retratado ao longo dos anos como um belo jovem.

E, perde-se a proximidade da natureza e de suas forças vitais, da alegria, do excesso e do “espírito dionisíaco” – (ou Dioniso, ou Baco, variação romana do nome grego) é filho de Zeus e Sêmele, e por ser o deus do vinho foi constantemente representado em vasos e esculturas segurando cachos de uva em uma mão e um cântaro, vaso de barro ou metal utilizado pelos gregos para transportar líquidos, em outra. Para além do vinho, Dionísio também é tido como o deus dos excessos, da alegria, das festas, da loucura, da bebedeira (intoxicação) e do teatro.

A história da filosofia é, portanto, a história do triunfo da razão contra a “afirmação da vida”. Seria preciso, assim, resgatar o elemento dionisíaco da vida. Ao contrário de Dionísio (deus dos excessos), Apolo é ponderado, comedido. E é a partir daí que inicia a relação não apenas de oposição entre esses deuses, mas também de complementaridade, o seu equilíbrio. Este pensamento vai permanecer como referência central, no tocante à afirmação da vida do homem trágico, em contraposição aos valores sustentados pelo homem teórico de Sócrates, que culminou em um esgotamento histórico, que o cristianismo deu continuidade e, posteriormente a metafísica na modernidade, o qual Nietzsche vai chamar de continuação o niilismo.

5.2 A FILOSOFIA SOCRÁTICO-PLATÔNICA

Este artigo tem por objetivo esboçar o que se entende sobre o niilismo e sentido que se dá ao conceito ideológico e identificar quais são as formas de niilismo dentro do processo histórico, suas ambiguidades, seus modos de operação e suas respectivas consequências de decadência no mundo ocidental no tocante à crise dos valores e, segundo a visão de Nietzsche, suas possibilidades de transvaloração no mundo contemporâneo. Segundo o filósofo da vida e médico da cultura (Nietzsche), os

sintomas de decadência encontram suas raízes na própria metafísica porque ela é responsável pelos princípios unidade de universalidade em contraposição ao mundo do devir de Heráclito e a metafísica da tragédia grega em Apolíneo e Dionísio.

E esses princípios ganham corpo dentro do processo de construção dos conceitos de humanidade e que os indivíduos incorporam em suas realidades cotidianas no conceito que chamamos de verdade, em que o ser humano toma esses conceitos por valores supremos. Este universal toma por revestimento suprasumido no conceito de verdade. E esses conceitos de universalidade e de verdade permanecem circunscritos dentro das academias platônicas, no Liceu aristotélico e em algumas correntes filosóficas, como o estoicismo, por exemplo e que, o cristianismo, a partir do império romano, dará prosseguimento e assumirá esses conceitos na figura de Deus. Sobre o significado de niilismo e sua correlação com a perspectiva dos valores supremos, Nietzsche afirma que:

Que significa niilismo? – Que os valores supremos desvalorizem-se. Falta o fim; falta a resposta ao “Por quê?” 3 O niilismo radical é a convicção de uma absoluta inconsistência da existência quando se [trata] daqueles valores que se reconhecem como os mais altos, adicionado o entendimento de que nós não temos o mínimo direito de acrescentar um além ou um em si das coisas que seja “divino” ou moral de carne e osso [leibhafte]. Esse entendimento é uma consequência da “veracidade” acrescida: portanto, ele mesmo é consequência da crença na moral. (Nietzsche, A Vontade de Poder, p. 29)

Sendo assim, com Sócrates e Platão, os valores como virtude para se alcançar uma felicidade nos indivíduos em uma sociedade, que são articulados por esses filósofos, sob o molde de uma verdade, um bem ou uma racionalidade e universalidade absolutos, estabelecem assim, a ascensão do niilismo, o que para Nietzsche, é princípio de decadência. Em seu livro O Crepúsculo dos ídolos, Nietzsche afirma:

Essa irreverência, de pensar os grandes sábios como tipos de declínio, ocorreu-me pela primeira vez num caso no qual o preconceito letrado e iletrado se opôs com mais força: reconheci Sócrates e Platão como sintomas de decadência, como instrumentos da dissolução grega, como pseudogregos, como antigregos (O nascimento da tragédia, 1872). Esse consensus sapientium – isso eu compreendo cada vez melhor – comprova ao menos que eles tinham razão em seu ponto de concordância: comprova antes que eles próprios, esses mais sábios dos homens, concordavam de um modo algo fisiológico, para adotar – para ter de adotar – uma mesma atitude, negativa, perante a vida. Os juízos, os juízos de valor sobre a vida, pró ou contra ela, jamais podem ser em última instância verdadeiros: têm valor apenas como sintomas, apenas como sintomas entram em linha de conta – em si, tais juízos são bobagens. É preciso estender ao máximo os dedos e fazer a admirável tentativa de captar essa espantosa finesse [sofisticação], de que o valor da vida não pode ser avaliado. Não o pode ser por um

ser vivo, já que este é parte e mesmo objeto de litígio, e não juiz: não o pode ser por um morto, por um motivo outro. Que um filósofo enxergue no valor da vida um problema, a ponto de ele ser mesmo uma objeção contra ela, um sinal de interrogação à sua sabedoria, uma não sabedoria. “Como? E então todos esses grandes sábios... não teriam sido apenas decadentes (Nietzsche, 2020, pp. 37-38).

Portanto, a partir da filosofia grega de Sócrates e Platão, segundo Nietzsche, se constitui a ascensão e o princípio de declínio e enfraquecimento da humanidade, porque, para o mesmo, o homem teórico, calculado sob os moldes desses conceitos que se articulam entre si, contribuem para uma degeneração dos instintos, um enfraquecimento dos impulsos deixando a humanidade doente em busca de uma racionalidade a qualquer custo, que constitui o primeiro momento da crise.

6 A MORAL CRISTÃ E INVERSÃO DOS VALORES

6.1 A MORAL CRISTÃ E INVERSÃO OS VALORES

Nietzsche é considerado não só como médico da cultura, mas também como o filósofo da moralidade. Em sua obra *A Genealogia da Moral*, no primeiro capítulo, ele vai discorrer uma crítica acerca da psicologia do cristianismo onde ele trata da origem dos sentimentos morais a partir da oposição de duas classes específicas: a moral dos senhores e a moral dos escravos. Ele procura avaliar as condições de criação dos valores morais, bem como a consequência da aplicação desses juízos para o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade. Nietzsche, como filólogo ele vai fazer uma avaliação etimológica dos termos bom e ruim, e bom e mal, e chega à conclusão de que a inversão dos valores morais se dá justamente no entendimento desses conceitos a partir dessas duas classes. De perspectiva dos termos “bom e ruim”, isto é, a moral dos senhores Nietzsche diz:

Obtive a indicação ao caminho correto quando me perguntei quais eram, na verdade, o significados das definições de “bom”, do ponto de vista etimológico, nas diversas línguas: então descobri que todos eles remonta à mesma transformação conceitual –que em todos os lugares o conceito fundamental é “nobre”, “refinado”, no sentido corporativo, do qual necessariamente deriva do “bom”, no sentido de “nobreza de alma”, “nobre”, de “alma elevada”, de “alma privilegiada”; um desenvolvimento que sempre corre paralelamente o daqueles outros, de “vulgar”, “ralé”, “baixo”, e finalmente chega ao conceito de “ruim”. (Nietzsche, *Genealogia da Moral*, 2017, pág.45)

Para os senhores, os aristocratas, os fortes e os nobres, utilizam o termo “bom” tendo como antônimo o termo “ruim”. Podemos citar um exemplo de numa luta entre guerreiros, o critério e avaliação é técnico, porque em uma luta entre o bom e o ruim, bom é aquele que tem o maior domínio técnico de luta com relação ao lutador ruim. Em contrapartida, a moral sacerdotal judaico-cristã, os escravos, os baixos, os miseráveis, os fracos e doentes utilizam o termo “bom” tendo como antônimo o termo “mal”. Portanto, segundo Nietzsche, todos os juízos de valor aristocráticos preconizam, para o seu pressuposto, uma poderosa massa corporal, uma saúde florescente, rica, transbordante, junto àquilo que condiciona sua manutenção, a guerra, a aventura, a caça, a dança, os jogos de combate e no geral tudo o que encerra em si uma atividade forte, livre, de boa disposição Nietzsche (2017). Isso significa que todas essas atividades corroboram para uma constituição fisiológica robusta, portanto, saudável para o ser humano. É importante observar que para Nietzsche, os valores não são precedidos de uma origem transcendente; os valores, portanto, são criados. O critério e valor para Nietzsche é a vida, e, portanto, extra moral. Os valores são sintomas de uma expansão da vida, ao passo que outros valores, como os valores judaico-cristãos, são sintomas de valores que negam a vida, e, portanto, ele vai dizer que o cristianismo é uma forma de niilismo negativo porque negam essa vida em prol de uma vida em um mundo transcendente (céu, paraíso etc.). Isso acaba sendo ruim para vida, e não “mal”, justamente porque os valores morais, no sentido de bom e mal, impedem que haja um progresso e expansão para vida mediante a vontade de poder. De acordo com Camargo (2009) “essa distinção é fundamental para uma problematização da geração de valores. Ao mesmo tempo em que domina, o homem nobre interpreta, avalia, isto é, cria e impõe valores que derivam de uma afirmação da vida, de uma afirmação dos sentidos do corpo”. Dessa maneira, ele considera "bom" todo aquele que é capaz de expandir a sua potência, metamorfoseando-se, e, ao contrário, considera "ruim" os que vivem entravados no impulso ao crescimento da potência, impedidos de se diferenciarem”.

Segundo a forma de valor do sacerdote, Nietzsche diz:

A forma nobre-sacerdotal de valoração possui – nós já vimos isso – outros pressupostos: até bastante graves para eles, quando se trata de guerra! Como se sabe, os sacerdotes são os piores inimigos – mas por quê? Porque são os mais impotentes. A partir da sua impotência, o ódio cresce

neles até um nível mais monstruoso, terrível, mais espiritual e venenoso. Os que mais odiaram na história mundial foram os sacerdotes, inclusive os mais ricos de espírito – diante do espírito de vingança sacerdotal, todo o espírito restante quase não tem importância. (NIETZSCHE, Genealogia da Moral, pág. 53)

Sobre a moral dos escravos, Nietzsche, em Além do Bem e do Mal discorre que:

O escravo tem um olhar desfavorável para as virtudes dos poderosos; tem ceticismo e desconfiança, uma desconfiança REQUINTADA a respeito de tudo o que é “bom” e que é honrado por ele — e de bom grado gostaria de convencer-se de que a sua felicidade não é genuína. Por outro lado, AQUELAS qualidades que servem para aliviar a existência dos que sofrem são postas em destaque e inundadas de luz; é aqui que a compaixão, a bondade, a ajuda, o coração quente, a paciência, a diligência, a humildade e a amabilidade recebem as honras —, porque aqui essas são as qualidades mais úteis e quase os únicos meios de suportar o fardo da existência. A moral dos escravos é em essência a moral da utilidade. Aqui é o lugar de origem da famosa antítese do “bem” e do “mal”: — poder e perigo são tidos como pertencentes ao mal, certo terror, sutileza e força que não admitem o desprezo. Segundo a moral dos escravos, portanto, o homem “mau” inspira medo; e segundo a moral dos senhores, é precisamente o homem “bom” que desperta e busca despertar medo, enquanto o homem “mau” é visto como um ser desprezível. O contraste chega ao máximo quando, de acordo com as consequências lógicas da moral dos escravos, uma sombra de desdém — que pode ser leve e bem intencionada — liga-se pôr fim ao homem “bom” dessa moral — porque, segundo o modo de pensar servil, o homem bom deve em qualquer circunstância ser o homem INOFENSIVO: ele tem boa índole, é fácil de ser enganado, talvez um pouco estúpido, um bonhomme.³ Onde quer que a moral dos escravos ganhe ascendência, a linguagem mostra a tendência de aproximar as palavras “bom” e “estúpido”. (NIETZSCHE, 2019, p. 248 - 249)

Tendo em vista a subversão dos valores preconizada pelo judaísmo e cristianismo, em detrimento da moral aristocrática, o qual Nietzsche defendia, o cristianismo realiza a tarefa extraordinária de trazer uma nova significação emprestada pela metafísica socrático-platônica e a dissemina no império romano, sob a figura de Deus. Com isso, a metafísica permanece constituindo assim, o elo mais profundo da cultura ocidental e a verdade permanece absoluta numa perspectiva teocrática, e esse valor supremo ilumina, organiza e dá sentido à vida. O cristianismo, portanto, tem êxito em conseguir cumprir sua função de popularizar e metafísica socrático-platônica, trazendo luz à uma nova visão de mundo para uma parcela cada vez maior da população, uma vez que outrora era uma atividade restrita somente aos filósofos e a classe nobre. Não obstante o esqueleto da metafísica socrático-platônica permaneça mantido, o

cristianismo, ao se apropriar da metafísica grega e por ao seu serviço, ele deixa de ser uma cultura filosófica e, portanto, passa a ser uma civilização que diz respeito a toda humanidade, constituindo assim, a consolidação do niilismo no mundo ocidental como o segundo momento da crise dentro do processo histórico.

Pode-se dizer que:

Com o termo niilismo (der Niilismus), ele procurava abarcar as diversas manifestações da doença ou crise inscritas na história do homem ocidental, de modo a atingir a razão comum dessa doença, qual seja, a instauração da interpretação moral da existência dá origem ao niilismo ocidental (Araldi, Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche, Cadernos Nietzsche, São Paulo, v. 5, 1998, p. 75-94).

Ao debruçar-se sobre os valores e ao discutir sobre crenças é que causa profundos abalos na consciência coletiva ocidental, com as propostas que caracterizam sua filosofia niilista.

7 A MODERNIDADE, TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES, O SUPER HOMEM.

7.1 A MODERNIDADE

Quando costuma-se falar do período da modernidade, com o advento da ciência e o desenvolvimento do seu aparato tecnológico, há uma compreensão de que na modernidade quando se fala de verdade é tudo aquilo que pode ser provado pela ciência. No tocante à modernidade, Nietzsche elaborar uma crítica à cultura ocidental por duas perspectivas: a primeira consiste numa avaliação dos valores supremos, por outro lado, procura explorar possíveis caminhos de saída de um tempo que ele considerava doente, e cujo o aforismo célebre que se encontra em A Gaia Ciência uma das maiores expressões significativas do transcurso niilista, caracterizado pela morte de Deus. Quando Nietzsche fala sobre a morte de Deus não significa que ele está fazendo uma crítica a partir do pressuposto metafísico, mas sim, apontando uma crise de perspectiva ética.

Em seu livro a Gaia Ciência Nietzsche, em seu aforismo ele diz:

Já ouviram falar daquele louco que ascendeu uma lanterna numa manhã muito clara, correu para o mercado e começou a gritar sem parar: “Estou procurando Deus! Estou procurando Deus” – Como havia muitas pessoas por

ali que não acreditavam em Deus, acabou provocando muitas gargalhadas. “Será que alguém o perdeu?”, perguntou um deles. “Será que ele se perdeu, como uma criança? “, disse o outro. “Ou está escondido” “Está com medo de nós?” “Embarcou em um navio?” “Emigrou?” Assim elas ficaram gritando e rindo, numa grande confusão. O louco saltou no meio delas e lançou lhes olhares penetrantes. “Para onde foi Deus?”, gritou ele, “eu o direi a vocês! – Nós o matamos! – vocês e eu! Todos nós somos seus assassinos! [...]”. (Nietzsche, A Gaia Ciência, pág. 212, 125)

A passar o momento filosófico e religioso, na modernidade, a verdade passa a ser objeto do discurso científico, isto é, segundo a revolução burguesa, o que passa a ser entendido por verdade, é tudo aquilo que passa pelo crivo da ciência. O habitat natural da verdade, do valor supremo passa ser a ciência. Quando Nietzsche fala que Deus está morto, ele está reconhecendo uma situação histórica que vai se afirmando, gradativamente, e cuja situação não há regresso, ou seja, o niilismo. Só que aos poucos a ciência vai perdendo seu prestígio e ela não consegue manter o seu caráter de valor supremo. Prova disso temos Issac Newton, que era considerado a maior expressão da física, da verdade das ciências naturais, uma vez que Albert Einstein descobre a teoria da relatividade, entre os próprios cientistas a verdade aos poucos vai perdendo sua força e passa ser objeto denúncia, de disputa e, portanto, perde o seu caráter de universalidade e de valor supremo. Uma vez que a ciência perde esse caráter de valor supremo, todo o edifício moral que era sustentado pelo valor supremo, entra em crise. Portanto, na medida em que esse valor supremo que ordenava todos os demais, não é mais percebido ou compreendido como valor supremo, isso marca o início da pós modernidade. A consequência disso é que, uma que não se tem um norte, uma hierarquia de valores, uma ordem que organiza os demais valores, os valores não possuem mais valores, e isso abre espaço para o ceticismo e o relativismo, e isso gera por consequência a nadificação dos valores, e, portanto, a humanidade entra em desespero. Com a morte de Deus, se encerra o percurso em busca da verdade.

7.2 TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES E O SUPER HOMEM

Nietzsche criticou os valores morais e, em seguida, apontou uma solução: um passo a passo que se inicia na genealogia dos valores morais e passa pela transvaloração. A transvaloração não é uma atividade isolada e não se encerra em si mesma. É um

processo contínuo que deve ser praticado ininterruptamente, visando sempre o fortalecimento do ser humano.

Transvalorar, segundo Nietzsche, é, em suma, analisar os valores morais tendo em vista a manutenção daquilo que pode ser benéfico ao ser humano e a troca daqueles valores prejudiciais. Essa seria uma forma possível e viável de se estabelecer uma valoração moral capaz de fortalecer novamente o ser humano e torná-lo capaz de explorar a plenitude de sua potência.

Nas palavras de Martin Heidegger no tocantes à transvaloração dos valores, ele afirma que:

“Vontade de poder” é, em suma, o nome para o caráter fundamental do ente para a essência do poder. Ao invés de “vontade de poder”, Nietzsche também diz com frequência, de uma maneira que induz facilmente a incompreensões, “força”. O fato de Nietzsche conceber o caráter fundamental do ente como vontade de poder não é nem invenção nem uma posição arbitrária de um fantasista que se extraviou o caminho para ir à caça de quimeras. Trata-se da experiência fundamental de um pensador, isto é, de um daqueles indivíduos que não tem nenhuma escolha e que precisam muito mais trazer à palavra aquilo que o ente é a cada vez na história de seu ser. Todo ente é, porquanto ele é e porquanto tal como é: “vontade de poder”. Essa expressão denomina aquilo de que parte toda a ação de valores e ao que todas elas remontam. Todavia, não é apenas na medida em que coloca o poder como valor supremo no lugar dos valores até aqui que a nova instauração de valores se mostra como uma “transvaloração de todos os valores”, mas antes de tudo e sobretudo na medida em que o próprio poder e somente ele coloca os valores, mantém-nos em sua validade e decide sozinho quanto à justificação possível de uma instauração de valores. (Heidegger, Nietzsche 2, pág. 25-26).

Na perspectiva do homem contemporâneo, a violência se apresenta como desvio, transgressão, infração, violação em relação à previsibilidade de certo padrão de comportamento cuja representatividade está aos cuidados das instituições que alicerçam a vida política, econômica e cultural da era moderna. Sobe o olhar de Nietzsche, tais mecanismos são representados pela busca da verdade, pelo cristianismo, pela ciência e pela democracia — as instituições e os valores mais caros ao homem moderno.

Encontra-se aqui um sentido negativo das instituições modernas, em face do qual, deve-se perguntar: qual seria, pois, o problema visualizado por Nietzsche ao defrontar-se com tais formas de organização e de valoração

modernas? Por outro lado, teriam também a violência e a crueldade um sentido positivo?

(CAMARGO, Jeovane. Nihilismo e modernidade em Nietzsche. Griot: Revista de Filosofia, Amargosa – BA, v.18, n.2, p.61-71, dezembro, 2018.)

Segundo Nietzsche, é só a partir da derrocada dos valores aristocráticos (dominação, assenhoreamento, hierarquia, bravura, exuberância) e do conseqüente domínio dos valores das castas e classes baixas (ressentimento, vingança, prudência, compaixão, bondade) que a inteligência passa a primeiro plano: ela se torna crucial para o mundo dos negócios, da paz e da salvação da alma.

A busca renovada e insaciável da verdade acaba por superar os valores cristãos e abrir caminho para a ciência, posto que a condição dogmática daqueles valores é depreciada por uma racionalidade cada vez mais perspicaz, não no sentido da estimativa dos valores cristãos, mas, numa racionalidade desprovida de qualquer viés de moralidade, como é o caso da modernidade. Como o nihilismo pode ser interpretado de várias formas conforme os pensadores, estudiosos e filósofos, vou me ater a uma ao entendimento específico do filósofo brasileiro Mário Ferreira dos Santos.

No entender do mesmo, ele afirma que:

Nietzsche foi o grande crítico do nihilismo e o classificou em ativo e passivo, em positivo e negativo, o que permite inúmeras combinações. É ativo o nihilismo que empreende uma ação destrutiva. É positivo quando pretende destruir algo para ser substituído por algo julgado melhor, como os revolucionários construtivistas. É negativo quando consiste na não oposição ao destrutivo. É passivo, o que aceita a destruição sem contribuir diretamente para ela, sem opor obstáculos, por cumplicidade passiva. E essa cumplicidade será positiva ou negativa, na proporção em que colabore com a destruição para construir, ou com a destruição pura e simples. Nietzsche chamava-se de nihilista ativo positivo, pois desejava derrocar a escala de valores do mundo burguês de sua época para substituí-la por uma outra mais nobre e mais digna para o homem. (Santos, Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais, pág. 1025).

Sobre o sentido do nihilismo nas obras de Nietzsche veja-se:

Nietzsche foi o único a não utilizar esse termo com intuítos polêmicos, empregando-o para qualificar sua oposição radical aos valores morais tradicionais e às tradicionais crenças metafísicas: "O N. não é somente um conjunto de considerações sobre o tema 'Tudo é vão', não é somente a crença de que tudo merece morrer, mas consiste em colocar a mão na massa, em destruir. (...) É o estado dos espíritos fortes e das vontades fortes do qual não é possível atribuir um juízo negativo: a negação ativa corresponde mais à sua natureza profunda" (Wille zur Macht, ed. Kröner, XV, § 24). (Abbagnano, Dicionário de filosofia, Termo: Nihilismo pág. 712-713).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tivemos portanto, três momentos que marcaram a história e crise da civilização ocidental por esses três momentos: o primeiro momento que se inicia com o momento filosófico, caracterizado pela metafísica socrático platônica; o segundo momento pela religião, isto é, o cristianismo, que se apropriou da filosofia e utilizou de todo arsenal conceitual da filosofia grega em seu benefício; por fim, a ciência e a crise caracterizada pela morte de Deus. Sendo em tudo o que foi dito acima, a história da civilização ocidental constitui, por assim dizer, a história da verdade. A crise terminal da metafísica, onde os valores supremos onde que serviam como um norte para a humanidade perdem força, isso marca pois, a pós-modernidade e, por consequência, tudo aquilo que outrora na filosofia grega era objeto de disputa, percebemos o retorno na pós-modernidade, que é o relativismo e o ceticismo. Portanto, o ceticismo e o relativismo, inimigos diretos da metafísica retornam com grande força na pós-modernidade, sob a capa e o disfarce de narrativas que procuram sustentar o terraplanismo, por exemplo, e tudo mais que venha a se assemelhar. Os sofistas, na antiga Grécia, não estavam interessados na verdade, mas procuram ensinar e desenvolver habilidades que visavam produzir efeitos de consciência pela arte do discurso, para obter sucesso na sociedade, na política etc., e, portanto, não estavam interessados no bem comum da sociedade. É o que vemos hoje no mundo pós-moderno: o terraplanismo, a descrença na ciência, a crise na política, a indústria das fakenews, onde qualquer narrativa tem seu horizonte de possibilidades, testemunhamos o mundo pós-moderno.

De uma perspectiva do niilismo, podemos caracterizar por processo e um fenômeno histórico socialmente dado na realidade. Como a interpretação do niilismo é puramente ideológica, segundo as formas descritas conforme a definição dos pensadores citados no trabalho, podemos identificar o niilismo negativo, cuja sua manifestação se encontra na cultura grega, caracterizado pela busca de um universal e de uma verdade, isto é, a razão e o mundo supra-sensível; Na Religião propagada pelo cristianismo, que negam essa vida e incorporaram os conceitos de universalidade e verdade em Deus, concepção teológica, que nega essa vida em prol de uma outra que não aqui, ou seja, o paraíso; O niilismo reativo, que, não obstante negar Deus,

mantiveram seu caráter de universalidade incorporados na ciência e na história, mas que conservaram suas forças fisiológicas. O niilismo passivo que não resulta de nem uma ação que visa transvalorar e criar valores a partir de si, mas se mantém em condição estagnada, inerte perante à vida, ou seja, são os desesperados; por fim, o niilismo ativo que é o solo pelo qual o ser humano tem a capacidade de transvaloração de todos os valores, que tem a capacidade de criar valores a partir de si mesmo, se afirmando na vida e se desvinculando de os valores tradicionais que se valem de pressupostos metafísicos. Quando Nietzsche fala por a mão na massa para destruir, significa eliminar em si mesmo resquícios de valores ou valores baseados na metafísica que estão enraizados no indivíduo. Não que ele seja a favor da violência. A violência, maldade, crueldade são inerentes ao ser humano, portanto, possuem um aspecto positivo para Nietzsche de uma perspectiva dos instintos. Ao que parece, Nietzsche procura fazer uma operação psicológica pelo próprio niilismo. O niilismo pode ser entendido de várias maneiras: uma visão de mundo, um valor, uma psicologia, ou como ele entende como uma espécie de consciência progressiva de esgotamento, um sinônimo de fraqueza ou de força.

REFERÊNCIAS

PECORARO, ROSSANO. **Nihilismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

MARTON, SCARLETT. **Nietzsche das forças cósmicas aos valores humanos**. 3. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

VATTIMO, GIANNI. **Diálogo com Nietzsche**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HENRIQUE C. DE LIMA VÁS. **Antropologia Filosófica 2**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

NIETZSCHE F. W. **A Vontade de Poder**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

NIETZSCHE F. W. **Crepúsculo dos Ídolos** [livro eletrônico] Edição do Kindle, São Paulo: Edipro, 2020.

NIETZSCHE F. W. **Genealogia da Moral** São Paulo: Martin Claret, 2017.

NIETZSCHE F. W. **Genealogia da Moral** São Paulo: Martin Claret, 2017, pág.53.

FERREIRA, AMAURI. **Estudo filosófico**, www.auriferreira.com,2009.

CF. ARALDI. **Para uma caracterização do nihilismo na obra tardia de Nietzsche**, Cadernos Nietzsche, São Paulo, v. 5, 1998, p. 75-76.

NIETZSCHE F. W. **Ecce homo: como cheguei a ser o que sou**; Trad. Lourival de Q. Henzel. 4. ed. São Paulo: Brasil, s.d. 2009.

CAMARGO, Jeovane. **Nihilismo e modernidade em Nietzsche**. Griot: Revista de Filosofia, Amargosa – BA, v.18, n.2, p.61-71, dezembro, 2018.

HEIDDEGER, **Nietzsche 2**, Rio de Janeiro: Forense Universitária pág. 25-26, 2007

SANTOS, Mário Ferreira. **Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais**. São Paulo: Matese, 1963 .

ABBAGNANO, **Dicionário de filosofia**, São Paulo: Martins Fontes, Termo: Nihilismo, 2007.